



Uma língua sem fronteiras: os 70 anos da recuperação do arquivo secreto *Oyneg Shabes*, a memória poética do Ghetto de Varsóvia e o campo transnacional da literatura ídiche

A Language Without Frontiers: the 70th Anniversary of the *Oyneg Shabes* Archive Rediscovery, the Poetic Memory of the Warsaw Ghetto and the Transnational Field of the Yiddish literature

Bruno Monteiro*

Resumo: Este artigo visa apresentar uma breve antologia de poemas em ídiche conservados no arquivo secreto “*Oyneg Shabes*”. Há praticamente 70 anos, a 18 de setembro de 1946, recuperaram-se os primeiros testemunhos que tinham sido enterrados sob o *ghetto* de Varsóvia por essa organização cultural liderada por Emanuel Ringelblum. A seleção de poemas vem introduzida por um texto que, em primeiro lugar, explica a atuação da organização nas circunstâncias violentas da ocupação nacional-socialista e, em segundo lugar, procura compreender a criação literária ídiche a partir da noção de “campo literário transnacional”. Sucinto como é, pretende-se que este artigo possa, não obstante, servir para incitar à prossecução dos trabalhos de pesquisa sobre este tópico.

Palavras-chave: *Oyneg Shabes*. Ídiche. Varsóvia.

Abstract: This paper presents a brief anthology of the Yiddish poems kept in the secret archive of “*Oyneg Shabes*”. 70 years ago, on September 18th 1946, the testimonies buried under the Warsaw ghetto by this cultural organization, leaded by Emanuel Ringleblum, were rediscovered. This poem selection is introduced by a text that aims, in the first place, to explain this organization intervention under the violent circumstances of the National-Socialist occupation. In the second place, it suggests to understand the Yiddish literary creation with the notion of “transnational field”. Brief as it is, this paper intends, notwithstanding, to promote further researches on this topic.

Keywords: *Oyneg Shabes*. Yiddish. Warsaw.

No dia 18 de setembro de 1946, caixas de metal foram encontradas sob as ruínas do que era o *ghetto* de Varsóvia, terraplanado e os seus habitantes assassinados pelos ocupantes nacionais-socialistas em represália do levantamento armado ocorrido entre 19 de abril e 16 de maio de 1943.

A equipe de busca tinha sido organizada a instâncias dos três últimos sobreviventes – Hersh Wasser, Bluma Wasser e Rachel Auerbach – ligados a



uma organização chamada “Oyneg Shabes”, literalmente “Alegria do Shabat”, impulsionada pelo historiador Emanuel Ringleblum (KASSOW, 2009). A partir de novembro de 1940, este colectivo procurou, tendo a nítida consciência de que a intenção nacional-socialista passava pela completa aniquilação da presença judaica, estivesse ela personificada pelos próprios indivíduos ou materializada nas suas expressões culturais, conservar para a posteridade a memória de uma cultura – e mostrar as provas do esforço sistemático realizado para a apagar do mundo.

Dentro das caixas, encontravam-se testemunhos da vida quotidiana do *ghetto*, tais como imagens fotográficas, bilhetes de eléctrico, a imprensa clandestina e os cartazes afixados pelas autoridades do *ghetto* ou nacional-socialistas, papéis de embrulho de rebuçados ou correspondência privada. Encontrava-se também uma multiplicidade de registos culturais, incluindo os poemas, manuscritos ou tipografados, de que agora apresentamos uma breve antologia. Essas criações literárias em língua iídiche permitem apurar a buliçosa criação, circulação e consumo de literatura que preenchia esse largo território linguístico iídiche que sobrepunha os limites políticos e administrativos de uma constelação de nações da Europa central e oriental.

As caixas em causa tinham sido enterradas anos antes por dois jovens habitantes do *ghetto*. A 2 de agosto de 1942, enquanto a morte percorria vorazmente as ruas, David Graber e Nahum Grzywacz enterraram 10 caixas de metal na cave da escola primária da rua Nowolipki. Na carta-testamento que enterrou nessa altura, Graber não havia ilusões sobre o seu futuro; havia, esperanças sobre a cápsula do tempo que acabava de instalar sob a terra.

O que não conseguimos proferir e gritar para o mundo, enterramos no chão. Como seria bom se eu pudesse ter a oportunidade de ver este grande tesouro ser desenterrado e gritar a verdade no rosto do mundo. Para que o mundo soubesse tudo. Para que qualquer pessoa, que não tenha sobrevivido, possa ser acreditada e para que nós nos possamos sentir como veteranos com medalhas no peito. Mas não, nós não iremos certamente viver para isso, e assim eu ponho por escrito as minhas últimas vontades. [...] Possa este tesouro cair em boas mãos, possa ele surgir em tempos melhores, possa ele informar e alertar o mundo sobre o que aconteceu. Podemos agora morrer em paz. Nós cumprimos a nossa missão. Possa a história testemunhar por nós (LÖW, 2013).



Graças a esse arquivo, sabemos hoje que, em 1941, a ração média que era consumida diariamente em Varsóvia consistia em 2613 calorias para os alemães, 699 para os polacos e 184 para os judeus. Ou que “a nova moda de usar botas no *ghetto*”, como escrevia Emanuel Ringelblum no seu diário a 10 de dezembro de 1940, ainda nos primeiros tempos do *ghetto*, se explicava por circunstâncias perversas em que “o poder e o garbo dos Outros assim o impõe”. Os Outros são, nesse caso, os ocupantes alemães. “As pessoas procuram elevar-se acima das massas e causar sensação usando as mesmas botas que os Outros” (RINGELBLUM, 1964, p. 134).

Perante a inexorável aproximação do extermínio, passar o tempo a compilar poemas ou a conservar convites para saraus de música em vez de procurar simplesmente a salvação (que, com muita probabilidade, era inexistente, como se vê) ou, então, entregar-se a sentimentos de desespero e desânimo, pode parecer incompreensível se não o virmos como um exercício de preservação que transcende as simples preocupações imediatas e individualistas de sobrevivência. Deparamos com uma tentativa destes homens e mulheres para preservar e repor a sua “forma de vida”, entendida como a atmosfera de convicções e propensões com que estamos de acordo implicitamente, sem ter que meditar portanto, e que assegura a partilha de um “sentido de naturalidade” entre os membros de uma comunidade, perante a crueldade e a violência que comprometem a sua integridade biológica e ética (DAS, 2015).

Emanuel Ringelblum nasceu a 12 de Novembro de 1909, em Bugag (Galícia, hoje Ucrânia), e tornou-se militante da ala esquerda da *Poalei Tsiyon*, uma importante organização sionista – nela, *Yugnt*, Ringelblum teve um papel importante nos anos 1920 e 1930. Ao contrário da organização sionista mais conhecida da época, *Bund*, a *Poalei Tsiyon* apoiou a tomada de poder pelos bolcheviques e, inclusive, a sua ala esquerda continuou a apoiar a União Soviética após a cisão interna de 1920. Ao mesmo tempo, Ringelblum integrou, com historiadores como Isaac Schiper e Bela Mandelsberg, o *Yunger Historiker Krayz* (*Círculo de Jovens Historiadores*), que tomava a empresa historiográfica como um projecto colectivo que visava restituir a história das comunidades e das pessoas aparentemente privadas de história e, com isso, suportar os propósitos de emancipação nacional e social dos judeus.

Foi assim, marcado por impulsos políticos e historiográficos, que Ringelblum conheceria a experiência do *ghetto* a partir de novembro de 1940. Numa passagem citada por Samuel Kassow, Ringelblum torna claro, em conversa com Hersh Wasser, um dos três sobreviventes da “*Oyneg Shabes*”, o espírito do seu empreendimento pessoal e colectivo:



Eu não vejo o nosso trabalho como um projecto separado, como algo que apenas inclui judeus, que é apenas sobre os judeus, e que só vai interessar aos judeus. Todo o meu ser se rebela contra isso. Não posso concordar com uma tal abordagem, seja enquanto judeu, socialista, ou historiador. Dada a impressionante complexidade dos processos sociais, em que tudo é interdependente, não faria sentido ver-nos em isolamento. O sofrimento judaico e a libertação e redenção judaicas são parte e parcela da calamidade [Umglük] geral e do impulso universal para nos livrarmos da odiosa opressão [nacional-socialista]. Temos que nos ver a nós próprios como participantes numa tentativa universal [almenshlekher] para construir uma sólida estrutura de documentação objectiva que vá servir o bem da humanidade. Vamos ter esperança de que os tijolos e o cimento da nossa experiência e do nosso entendimento sejam capazes de fornecer um alicerce (KASSOW, 2009, p. 387).

Dessa maneira, vemos que o colectivo “OyNEG Shabes” procurou, ao longo de quase três anos, construir um reservatório da memória da vida do *ghetto*, reunindo os traços que as pessoas largavam no seu trilho para a morte, convocando testemunhos e aplicando inquéritos que pudessem sobreviver aos seus criadores e que servissem para memória futura dos crimes do nacional-socialismo – mas também registasse a resiliência que contra tais crimes se ergueu.

Das suas preocupações, não estava ausente a aspiração de justiça, mesmo que póstuma, para a miséria, o medo e a raiva sentidos; essa espécie de redenção que surgiria quando esses testemunhos servissem de provas, também judiciais, para apontar os crimes e os criminosos nacional-socialistas. Um colectivo ecléctico de mulheres e homens, com simpatias socialistas e comunistas ou inspiradas pela tradição rabínica, criou uma história social do *ghetto* de Varsóvia. Desse condensado de memória, saíram os poemas que agora traduzimos para português. Uns, pertencentes ao cânone da literatura ídiche, se esse termo pudermos usar, que conheceu notáveis tempos de prolixidade e apuramento nos anos 1920 e 1930 e que encontrou, como escreveu o mesmo Emanuel Ringelblum (1964, p. 135), um curioso renascimento nas circunstâncias extremas do *ghetto*, em que a impressão de se suceder “possivelmente o começo dum regresso ao ídiche” (15-20 de dezembro de 1940) levava a que, mais tarde, esta língua se torna-se aparentemente “a língua dos eventos culturais no *ghetto*”.



Não tardou que se anotasse, a 27 de fevereiro de 1941, a repetida inauguração de novos cursos de iídiche em escolas próprias (p. 153). Fins de março de 1941: “Os livros sérios em iídiche são vendidos aos cabazes; é um bom negócio, pois ao que parece, o preço dos livros aumentou” (p. 169-170). Entre esses poemas, uns foram diretamente escritos por entre os horrores e os escombros da vida do *ghetto*. Foi essa, porém, uma reabilitação da língua iídiche que ocorreu já como estratégia de preservação do sentido de si, uma modalidade de obstinação que aparecia em contraposição vincada com os sinais da iminente aniquilação dos criadores da literatura iídiche como prolongamento do apagamento da memória da sua presença histórica (p. 152).

Na sua leitura de agradecimento pela atribuição do Prémio Nobel em Literatura, Isaac Bashevis Singer, que nasceu e viveu em Varsóvia (na rua Krochmalna do bairro judeu), onde coincidiu com muitos dos poetas incluídos na presente antologia, antes de emigrar para os Estados Unidos da América em 1935, não hesita em partilhar a honra por esse prémio com a língua iídiche em que escreveu as suas obras. Para ele, essa era “uma língua de exílio, sem terra, sem fronteiras, que não é apoiada por nenhum governo, uma língua que não possui palavras para armas, munições, tácticas de guerra: uma linguagem que foi desprezada tanto pelos gentios como pelos judeus emancipados” (1979, p. 7-8).

Uma língua do *ghetto*, onde pessoas humildes e marginalizadas, mas não necessariamente submissas ou subservientes, tentavam sobreviver e mesmo fazer a vida florescer por entre humilhações e perigos. “A mentalidade iídiche não é altiva. Não toma a vitória como certa. Não exige, nem manda, mas esgueira-se, esquiva-se, dissimula-se a si mesma por entre os poderes da destruição, sabendo algures que o plano de Deus para a Criação ainda se encontra nas suas primícias” (p. 5-6). Por isso mesmo, encontramos nessa literatura um tom irónico, uma aproximação de viés aos poderosos e prepotentes e uma ambivalência nas atitudes de compostura e recato com que eles são endereçados, mas também uma celebração da alegria por cada novo dia que se vence, por cada migalha de sucesso, por cada encontro afortunado com o amor.

Sobre essa língua iídiche pesava, porém, o estigma potencial de uma dupla ilegitimidade. Desde logo, no seio da sociedade, uma ilegitimidade étnica ou religiosa, porque língua de uma minoria ostracizada ou vista como uma incrustação estranha e contaminante nesse lugar em que se encontra, os judeus. O antisemitismo latente, ou mesmo explícito, de sociedades como estas tendia, pois, a verificar, nessa língua, os mesmos sintomas de inferioridade e barbárie que imputava aos judeus como um todo. Depois, no interior da própria



comunidade judaica, porque era considerada uma língua vulgar, linguisticamente minorizada porque socialmente menores eram os seus falantes “proletários”. Visto por comparação com a nobreza das formas consagradas da língua hebraica, utilizada pelos portadores da tradição rabínica e possuidores da “sabedoria” do povo eleito, o iídiche aparecia como uma língua de gente pobre e inculta, uma língua pobre e inculta portanto. Nas suas comunidades, a língua iídiche, particulariza Ber Mark a respeito daquelas que se situavam na Polónia, travava uma luta em duas frentes, “contra o regime dominante e contra a sua própria reacção clerical” (1993, p. 9). Nos tempos imediatamente anteriores ao início da Segunda Guerra Mundial, que trouxe simultaneamente a invasão nacional-socialista e a promulgação da versão polaca da legislação racial de Nuremberga, a poesia iídiche caracterizava-se, segundo a visão de Ber Mark, por três correntes principais (p. 11-13).

A primeira, uma variante de “poesia social”, promovida por círculos de poetas proletários que incluíam, entre outros, Josef Kirman ou Kalman Lis, em que se tematizava liricamente a vida das ruas dos pobres judeus, as necessidades e as angústias das pequenas cidades judaicas que Joseph Roth explora nas reportagens que escreve sobre esses lugares pela mesma altura (2013, p. 156-178). A segunda, uma poesia com “carácter religioso”, com traços de messianismo, como acontece com a poesia de Isroel Stern, expoente desta variedade. Fortemente influenciada pelas escolas talmúdicas, que imprimiram sobre os seus frequentadores, mesmo depois de as deixarem, a aspiração a uma espiritualidade panteísta e cósmica e a nostalgia de tempos idealizados em que se realizava a plenitude de um estilo de vida ou de uma tradição entretanto perdidos, esta poesia primava, porém, por dispensar a figura de deus ou mesmo o ideal de uma crença religiosa. A terceira e última variante, uma “poesia individualista e sentimental”, que, em parte, prorrogou historicamente as tendências da poesia russa pré-revolucionária.

A unir as correntes estéticas em coexistência, havia uma rede de troca e concorrência entre escolas locais e regionais situadas no interior do imenso continente linguístico iídiche que atravessava então as fronteiras nacionais continuamente recriadas do Leste europeu. Organizadas em torno de revistas literárias, jornais e editoras, clubes e saraus, com os seus protagonistas e as suas opções estéticas bem marcadas, estas escolas ou grupos competiam entre si pela primazia no interior da esfera cultural iídiche, servindo, por outro lado, como pontos de passagem de um circuito de leituras públicas, sessões de homenagem e palestras por onde circulavam os poetas nessa época. Numa constelação de cidades que compreendia Vilnius (capital da actual Lituânia), Lvov (no que é hoje a Ucrânia), Lodz ou Cracóvia (ambas na Polónia hoje) eram importantes entrepostos por onde se teciam os liames que aproximavam os poetas e, ao



mesmo tempo, por onde passava a corrente que separava a tradição e a modernidade que pautava as polarizações estilísticas da época. Os últimos anos da década de 1930, vividos sob o ascendente do III Reich, trazendo inusitados e graves perigos para o iídiche e para os que escreviam e conversavam nessa língua, trouxe, paradoxalmente, uma aproximação por parte de jovens poetas a essa língua, aproximação que se traduziu, como notámos invocando o testemunho de Emanuel Ringelblum, num “novo renascimento” da cultura judaica, em particular na Polónia (Mark, 1993, p. 15). Esse circuito de permuta e competição entre os escritores de língua iídiche, que concorriam e colaboravam entre si pela publicação em jornais, revistas, editoras, pela atribuição de prémios e promoção de homenagens, ou pela organização de antologias que estabilizassem o senso de comunidade e que consolidassem um (proto-)cânone, pode ser apropriadamente restituída por recurso ao conceito de “campo literário transnacional” (JURT, 2009).

Para Joseph Jurt, torna-se complicado sustentar em exclusivo a ideia de uma literatura nacional que esteja perfeitamente encaixada pelas estruturas políticas da nação (2009, p. 214; p. 232). No caso da literatura iídiche, as instâncias de consagração, as redes de edição, o sistema de aprendizagem e tirocínio dos criadores e o próprio mercado de consumidores estão espalhados sobre uma superfície que não coincide com nenhuma fronteira nacionais, mas com um território linguístico.

Para ter um exemplo da ampla extensão geográfica abrangida por estas redes de intercâmbio, que podiam ser transatlânticas, podemos verificar, dentro do volume do *Arquivo Maaravi* (volume 7, número 13), apresentado por Lyslei Nascimento, sobre os espaços materiais e imaginários da literatura judaica, os cartões-postais do acervo do Museu Judaico de São Paulo analisados por Nancy Rozenchan (2013). É verdade que, como assinalado, o iídiche lidava com uma situação de dupla deslegitimação, estando, por um lado, subjugado e ameaçado pelas línguas nacionais (ou nacionalizadas) que menosprezavam os “desvios” às suas normas (com tanto maior intensidade quando mais se tratava de línguas de comunidades minoritárias e estigmatizadas) e sendo, por outro lado, menosprezada no interior das próprias comunidades judaicas onde, muitas vezes, era vista como uma língua profana, ou mesmo proletária, comparada com o hebreu.

Nem por isso, se pode ignorar a relevância dos “efeitos de campo” (p. 215) que se criavam no interior deste espaço de criação, circulação e consumo literário: existia uma lógica interna a esses criadores, promotores e consumidores de obras em iídiche que não só era capaz de minimizar o impacte dos veredictos das instâncias de legitimação dominantes, como conseguia, em contrapartida,



proporcionar aos escritores iídiche um sistema de oportunidades e solicitações com critérios alternativos de reputação e sucesso. Nesse sentido, o espaço literário poderia aparecer como um “campo literário” que, sem se emancipar totalmente da situação de subalternidade institucional ou simbólica em que se encontrava perante as literaturas nacionais centrais, conseguia sustentar uma teia de concorrência pelo reconhecimento entre os seus protagonistas, que polarizava essas pressões externas nos termos das suas estruturas sociais internas.

A presente antologia, composta por traduções realizadas por Bruno Monteiro e por Sarah Moskovitz a partir das versões que esta segunda autora realizou para o inglês, compreende poemas retirados do arquivo “Oyneg Shabes”. Uma mais ampla selecção, com textos de apresentação e conclusão da autoria de Sarah Moskovitz e Bruno Monteiro respectivamente, foi publicada recentemente pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (Moskovitz e Monteiro, 2015). Nessa altura, realizou-se uma primeira aproximação a este tópico – que agora conhece um importante desenvolvimento a partir do conceito de “campo literário transnacional”. A acompanhar cada poema incluímos, em nota de rodapé, uma breve biografia do seu autor, usando para isso os textos escritos por Sarah Moskovitz (s.d.) e Hubert Witt (1993).

Breve antologia dos poemas do *ghetto* de Varsóvia

A noite passada no meu sonho

Ber Horvitz¹

A noite passada no meu sonho
veio até mim
uma paixão da minha juventude –
com ternura, tomou a minha mão.
Uma lágrima de alegria
arreatou o meu coração –
na vida real
somos estranhos...
Quais dois rios separando-se
foi assim que nos afastamos.
Agora estou preso a outra
por uma cadeia sagrada.



Muito honrado e amado director

Pesakh Vayland²

Muito honrado e amado Director

Senhor Goyzhik

Deponho o meu pedido nas vossas mãos

Sou um poeta ídiche e

todos os dias lavo o corpo – só pele e ossos,
a carne sumiu-se toda.

Foi-se a minha mãe, que o lamentaria

Acredito que já estou tocado pela morte

A minha última camisa

cobre-me o feixe das costelas.

Estão pálidos os meus lábios ressequidos

O meu coração dolorido magoa-me profundamente.

Sou um poeta ídiche,

Director, imploro por uma pensão mensal

Estou muito exausto, caio a meus pés.

Se não for possível, então peço com urgência
um donativo sem vez

Espero, meu querido e amado Senhor Goyzhik,

que vá deferir uma candidatura humilhante para mim.

Ficarei a aguardar

com o maior respeito por si.

P. Vayland

60 N-Lesno, porta 33

Varsóvia, 27.02.1942



Sem título (Na tormenta e no pó)

Autor desconhecido

Uma noite em claro na tormenta e no pó
Mulheres em silêncio espreitam das janelas.

E crianças sonolentas e preocupadas esperam
com piedade pelos seus pais e pelos cavalos também!

Esta noite escura sufoca e amedronta,
Uma noite assim está cheia do pavor da morte.

Num piscar de olhos esta noite
pode ser despedaçada em sangue e medo.

Motociclistas velozes chegam juntos
ao encontro perto do palácio, encham o tribunal.

Vão chegando estranhos motociclistas em silêncio e
[inesperadamente.
Mães mudas, crianças mudas, desligam as luzes...

Pavor de noite e pesado silêncio. Golpes em crescendo! –
Porquê, mulheres tolas, fechais as portas?

E as portas rompem-se com força selvagem
Pais, irmãos, chegam encharcados e gastos.



O meu caminho

Simkha Shayevitch³

Mergulhei as minhas mãos
na fonte azul da noite
e com um sorriso beatífico nos lábios
esperei pela hora da absolvição
pela doce hora da morte
mas no meu coração
inflamou-se uma luz eterna
e eu vi o pesar da vida de minha mãe
— Tu ainda és novo, meu filho, e por aí aguarda uma
esposa.

Foi com prazer que me deitei para dormir
sobre um monte de feno no meio do campo
e com um sorriso infantil nos lábios
esperei que os navios de prata
viesses cruzar os meus sonhos
mas os dedos cinzentos do vento
roçaram no meu cabelo negro:
— Levanta-te e reata a oração
que ferve em quem está esfomeado

Em vez disso senti o impulso para bendizer
o tranquilo piscar das estrelas
e quando voltei a mergulhar as minhas mãos
na fonte fresca e azul da noite
de novo a luz eterna
inflamou o meu coração intranquilo
e eu ouvi uma rapariga soluçando:
— Vê, meu amigo, como na noite
a estrela chora sobre o telhado da prisão.



Mundo, porque te calas?

Kalman Lis⁴

Isto, eu sei, que não será mais do que um poema,
um poema feito de ritmo e rima,
talvez ele consiga falar ao espírito
e não seja apenas desperdício de tempo...

Pois pode lá haver sentido e valor
em brandir e terçar as espadas,
ensanguentadas uma e outra vez
abrindo feridas no coração da terra.

Ainda assim uma força impele-me a agir
como a águia rompe a jaula para voar em céu aberto,
um lobo luta com a sua armadilha para fugir para os
bosques
e o tronco do carvalho lança a seiva para os ramos.

Mundo, onde está o teu coração e a tua consciência?
Presta atenção às perseguições dos assassinos!
Olha para o judeu pois ele semeou o teu campo
para tirares colheitas de amor e espírito.

O judeu porque é simplesmente um judeu
e não um alemão, – não um puro ariano,
mas aquele cuja marca de nascença é semita, –
atreveu-se a dar à luz o próprio deus.

* **Bruno Monteiro** é sociólogo (BA, MS, PhD) e investigador de pós-doutoramento, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/85086/2012). É membro do Instituto de Sociologia (Universidade do Porto) e do Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa). Faz parte da rede europeia de Ciências Sociais “Network for the Studies of Cultural Distinctions and Social Differentiation”. Foi investigador convidado na Albert-Ludwigs-Universität (Freiburg-im-Breisgau, Alemanha), na cátedra UNESCO SSIMM/IUAV (Veneza, Itália) e no centro SAGE (Universidade de Estrasburgo, França). Publicou *Homens industriais: sociologia histórica das tomadas de posição do patronato portuense (1945-1974)*



e organizou, com Virgílio Borges Pereira, o volume colectivo *Intelectuais europeus no século XX*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Notas

¹ Nasceu em 1895 em Majdan, na Galícia. Filho de um comerciante a retalho. Frequentou a escola primária ucraniana, teve lições particulares judaicas e concluiu o liceu polaco em Stanislawow. Frequentou os estudos de medicina na Universidade de Viena. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi soldado no exército austríaco, trabalhando nos lazaretos militares, onde cuidou dos prisioneiros de guerra italianos. Publicou, em 1918, os seus primeiros poemas. Viajou para Paris e Berlim. Viveu algum tempo em Vilnius, mais tarde em Stanislawow. Morreu durante a invasão alemã da Polónia, em 1942. Circulam duas versões da sua morte, a primeira indicando que foi morto pelos Nazis, com outros nove mil judeus, em Stanislawow; a outra sugerindo que ele foi morto por camponeses polacos na sua aldeia natal de Majdan.

² Nasceu em 1869 numa família religiosa da região de Lublin. Aos 14 anos tinha perdido ambos os pais. Foi aprendiz de pintor de reclusos. Os seus primeiros poemas foram publicados em 1937 em jornais, tendo o seu primeiro livro sido impresso em 1938. Durante a grande evacuação do *ghetto* de Varsóvia em 1942, foi transportado, com o seu filho recém-nascido, para os comboios.

³ Nasceu em 1907 em Lentschütz (Leczyca) nas imediações de Lodz. Era proveniente de uma família pobre, muito religiosa. Teve uma instrução como aprendiz de luveiro. Publicou poemas a partir de 1933, mais tarde publicou ainda contos. No *ghetto* de Lodz, perdeu os pais pouco tempo depois de eles aí terem chegado. A sua mulher e a sua filha foram, em 1942, deportadas para Auschwitz, onde foram mortas. Pode ser considerado como o poeta do *ghetto* de Lodz, embora a maioria dos seus escritos da época, incluindo o seu diário, tenham desaparecido. Deportado primeiro para Auschwitz e, em seguida, para o campo de Kaufering, onde morreu de tifo em 1944.

⁴ Nasceu em Kowel, na região de Volhin (noroeste da Ucrânia), numa família com origens rurais. Depois de estudar numa escola tradicional (*kheder*), frequentou o liceu polaco e realizou estudos universitários em Vilnius e Varsóvia. Especializou-se no que hoje chamaríamos ensino para crianças com necessidades especiais. Foi director de um lar para essas crianças em Otwock, junto de Varsóvia, que foi bombardeado, em 1 de setembro de 1939, pela aviação alemã. Depois de recuperar dos ferimentos que teve nessa ocasião, regressaria ao lar. Em agosto de 1942, as tropas alemãs ocuparam o lar; depois de fuzilarem as crianças do estabelecimento à sua frente, mataram-no a ele também.



Referências

DAS, Veena (2016). The boundaries of the “we”. Cruelty, responsibility, and forms of life, *Critical horizons*, 17(2).

JURT, Joseph (2009). Le champ littéraire entre le national et le transnational. In: Gisèle Sapiro (Dir.). *L'espace intellectuel en Europe. De la formation des États-nations à la mondialisation. XIXe-XXIe. siècle*. Paris: La Découverte. p. 201-232.

KASSOW, Samuel (2009). *Who will write our history? Rediscovering a hidden archive from the Warsaw ghetto*. London, Penguin Books.

Löw, Andrea (2013). Das Warschauer Ghetto. *Dossier Geheimsache Ghettofilm*, Disponível em: <<http://www.bpb.de/geschichte/nationalsozialismus/geheimsache-ghettofilm/141785/das-warschauer-ghetto>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

MARK, Ber (1993). Dichtungs eines ermodeten Volkes. In: WITT, Hubert (Org.). *Der Fiedler vom Ghetto*. Leipzig, Reclam Verlag.

MOSKOVITZ, Sarah; MONTEIRO, Bruno (Sel.). (2015). *A morte tarda antes de chegar. Poemas do ghetto de Varsóvia*. Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

MOSKOVITZ, Sarah (s.d.), *Poetry in hell*, disponível em: <<http://poetryinhell.org/appendix-b-brief-biographies-of-authors/>>. Acesso em: 12 set. 2016.

RINGLEBLUM, Emanuel (1964). *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Lisboa, Livraria Morais.

ROTH, Joseph (2013). Juden in Wanderschaft, esp. II. Das jüdische Städtchen», *Ich zeichne das Gesicht der Zeit. Essays, Reportagen, Feuilletons*. Zürich, Diogenes Verlag.

ROZENCHAN, Nancy (2013). Memórias da imigração no acervo do Museu Judaico de São Paulo: cartões-postais. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, out. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/5440/pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SINGER, Isaac Bashevis (1979). *Nobel Lecture*. New York, Farrar, Strauss and Giroux.

WITT, Hubert (Org.). (1993). *Der Fiedler vom Ghetto*. Leipzig, Reclam Verlag.